

Tlatelolco em 1968: a construção da memória do movimento estudantil e da luta pela democratização no México contemporâneo.

Larissa Jacheta Riberti¹

O ano de 1968 é considerado emblemático e mágico, pois foi palco de várias lutas populares em todo o mundo. Em Paris, Praga, Tóquio, Estados Unidos, Brasil e México eclodiram revoltas e organizações estudantis e de trabalhadores que pretendiam questionar o sistema político vigente e propor mudanças ideológicas. Foi o momento da contestação por parte de alguns grupos específicos, do movimento *hippie*, da liberação sexual, do questionamento da Guerra do Vietnã, da Primavera de Praga, da radicalização da esquerda e da direita no Brasil e do massacre de inocentes na *Plaza de las Tres Culturas*², no México. O trabalho apresentado pretende justamente analisar o Massacre de 1968 no México, bem como a luta estudantil pela democratização do Estado. Para isso, serão usadas obras relacionadas ao assunto e como fonte principal o livro *La Noche de Tlatelolco: Testemonios de historia oral*, da autora Elena Poniatowska. O livro é uma fonte historiográfica rica em relatos variados sobre a noite de 02 de Outubro, episódio que marcou a história recente do país. Além de fazer uma reconstrução do episódio, a obra, publicada em 1971, foi elaborada em um momento político específico, no qual havia a necessidade de entender e significar o Massacre, principalmente em virtude da forte atuação dos estudantes junto a sociedade civil. A utilização dessa obra tem como objetivo analisar como as diversas vozes contribuíram para a denúncia da violência empregada pelo Estado e para a interpretação de temas como a luta pela democracia, a organização e atuação movimento estudantil e a conjuntura específica tanto da sociedade mexicana, quanto do ano de 1968.

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual de Campinas, mestranda em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e bolsista da Capes.

² A *Plaza de las Tres Culturas* foi palco da violência policial contra os estudantes na noite de 02 de Outubro de 1968. Localizada no centro da Cidade do México, a praça recebeu tal nome porque simboliza três etapas diferentes da construção da cultura desse país e: a cultura de Tenochtitlan, a cultura espanhola e a cultura mexicana moderna. Sobre o assunto: CARRION, Jorge. *Tres culturas en agonía*. México: Nuestro Tiempo.

Introdução:

O México teve em seu governo, na década de 1960, a administração de López Mateos (1958-1964) e de Gustavo Díaz Ordáz (1964-1970). Este período marca o início do fim de uma etapa governamental no México. Após os acontecimentos de 1968 em Tlatelolco, o chamado “milagre mexicano” iniciado em 1940 tem um fim e todas as discussões acerca do desenvolvimento econômico e industrial vividos pela sociedade mexicana até então, são levadas a cabo. A noite de Tlatelolco, ocorrida em 02 de Outubro, foi o ápice do ressurgimento dos problemas da não democratização e do autoritarismo político mexicano. Os contestadores, não eram mais dos setores operários e camponeses, proviam, no entanto, de camadas médias da população e de suas dissidências menos controláveis: os estudantes e professores universitários. Indignavam-se, acima de tudo, com a falta de democracia política e com a intolerância acerca da opinião pública³. Não propunham uma mudança radical, mas não abriam mão de uma maior flexibilização da política mexicana. Além disso, contestavam-se os vários anos em que o PRI⁴ afirmava-se no poder através de um monólogo institucional, impedindo que outras decisões políticas minassem seu eficaz mecanismo sucessório.

O fato é que desde Julho de 1968 os estudantes estavam se organizando para discutir o andamento da política mexicana e a intolerância quanto aos questionamentos promovidos por organizações contrárias ao governo. As principais instituições envolvidas nesse primeiro momento foram a Universidade Autônoma do México (UNAM) e o Instituto Politécnico Nacional (IPN). As reivindicações foram posteriormente elaboradas e oficialmente publicadas, em agosto daquele ano, na forma de um *pieglo petitório*, um documento que continha seis pontos a serem atendidos pelo

³ A repressão de movimentos e protestos contrários às posições governamentais era uma prática recorrente na sociedade mexicana. Durante todo o século XX, os principais protestos, como o dos ferroviários em 1958, sofreram dura repressão e violência por parte da polícia e do Estado. Pessoas morriam e líderes eram presos sem que o governo se responsabilizasse por esses atos. Tais medidas de contenção de manifestações eram tomadas em prol da manutenção de uma suposta estabilidade e paz sociais. (RAMÍREZ, 1969)

⁴ Neste caso, refiro-me ao PRI (Partido Revolucionário Institucional) que, nascido sob o nome de Partido Nacional Revolucionário (PNR) em 1928, posteriormente alterado em 1938 para Partido Revolucionário Mexicano (PRM), por Lázaro Cárdenas, o então presidente mexicano; e mais tarde, constituído em Partido Revolucionário Institucional (PRI), irá dominar o cenário político durante várias décadas do século XX. Tal atitude era vista pelo movimento estudantil de 1968 como autoritária e antidemocrática. Daí surge um dos pontos principais dos questionamentos da sociedade mexicana da década de 1960. (HERNÁNDEZ, 1971)

governo. A petição, publicada pela FNET (Federación Nacional de Estudiantes Técnicos), reconhecida pelo CNH⁵ e pelo movimento estudantil, demandava: 1. Destituição do corpo de *granaderos* e da polícia metropolitana. 2. Destituição de chefes de polícia, militares e demais responsáveis pelo comando de repressões e violência sobre os estudantes e demais manifestantes. 3. Indenizações pelos estudantes mortos e feridos. 4. Revogação dos artigos 145 e 145 *bis*, que regulamentavam e propunham penas aos delitos de dissolução social. 5. Atribuição das devidas responsabilidades aos culpados pelas prisões e mortes. 6. Liberdade aos presos políticos, encarcerados a partir de 26 de Julho de 1968⁶. Analisadas em um contexto mais amplo, percebemos que todas essas reivindicações giram em torno de um eixo: a democratização definitiva do México. Somente com ela era possível destruir as bases autoritárias e instituídas por tantos anos de dominação partidária e o anacronismo de uma sociedade que se pretendia desenvolvida, mas que não conseguira atualizar suas ideologias e resolver o problema das desigualdades sociais.

O conflito desenvolve-se, principalmente, quando, em primeiro de Setembro de 1968, em um discurso, o Presidente Díaz Ordáz defende a posição de que é necessário manter a ordem nas ruas e que o movimento estudantil tinha com principal objetivo interferir nas Olimpíadas⁷ e desacreditar da capacidade mexicana de sediar tal evento. O

⁵ O *Consejo Nacional de Huelga* (CNH), organizado sob a responsabilidade do Instituto Politécnico Nacional (IPN) em agosto de 1968, era o principal órgão de apoio aos estudantes de vários institutos educacionais do México como a UNAM e o próprio IPN. Foi após a criação desse conselho que o movimento estudantil ganhou legitimidade e amplitude, já que eram nas reuniões desse organismo que se davam os principais debates e deliberações sobre o andamento do movimento. Os líderes do CNH também serão os principais autores de obras relevantes sobre o Massacre de 1968. Sobre o funcionamento desse organismo, Ramón Ramírez relata: “*En las asambleas de escuela o facultad, El Comité de Lucha informa sus actividades y de los acuerdos del Consejo Nacional de Huelga, a la vez que se aprueban, normalmente como resultado de largas e interesantes deliberaciones políticas, algunas decisiones que han de ser transmitidas al CNH por medio de sus representantes, y que han de normar, a su vez, la marcha del Comité de Lucha a la propia escuela o facultad. El esquema de la organización del movimiento es, en líneas generales, como acaba de indicarse.*” (RAMÍREZ: 1969, 61.

⁶ RAMÍREZ, RAMÓN. *El movimiento estudiantil de México: julio-diciembre de 1968*. México: Ed. Era, 1969. Tomo I. Ver também: ZERMEÑO, SERGIO. *México, una democracia utópica: el movimiento estudiantil del 68*. México: Siglo XXI Editores, 1978.

⁷ É necessário atentar para o fato de que em 1968, o México seria o primeiro país da América Latina a sediar um evento internacional da importância de uma Olimpíada. Toda a imprensa estava presente e o governo pretendia continuar sustentando a máscara da estabilidade política e a ideia de um estado democrático que serviria de exemplo para o resto da América. A respeito das intenções governamentais o autor Gilberto Guevara Niebla, ex-participante do movimento de 1968, ressalta: *Entonces —como hoy— la República Mexicana se exhibía en los medios internacionales como el rostro civilizado y libre de una América Latina dominada en su mayor parte por regímenes*

Presidente negou também que houvesse presos políticos. E, no dia 18 do mesmo mês, a autonomia da UNAM foi violada após 40 anos, quando dez mil soldados invadem e fecham a Cidade Universitária, levando centenas de presos – dentre eles, estudantes, pais de estudantes, professores e funcionários. Vários protestos contra a ocupação aconteceram após a tomada da Universidade, mas o governo declarou que a ocupação da área foi necessária para conter atos anti-sociais e criminosos. Os conflitos seguem até que, em 30 de Setembro o exército deixa a Cidade Universitária.⁸ Entretanto, as forças presidenciais ainda irão sufocar o movimento e as reivindicações democráticas.

Gilberto Guevara Niebla, ex participante do movimento estudantil de 1968 e autor de muitas obras e artigos sobre a época, realizou, em 1978, um balanço sobre os acontecimentos da década anterior. Em *Antecedentes y desarrollos del movimiento estudiantil de 1968*⁹, o autor ressalta o caráter democrático das reivindicações dos estudantes. Ao contrário de outros movimentos que já haviam acontecido no México, por iniciativa dos estudantes, o de 1968 não possuía nenhuma exigência que se relacionava a questões universitárias ou sobre a reforma do ensino. As reivindicações eram políticas, antiautoritárias e democráticas. Além disso, com a ampliação do movimento, a partir de agosto daquele ano, as discussões incorporavam ideias de membros de outros grupos da sociedade mexicana. O desenrolar das atividades, mostrará que o movimento apelava ao povo como a única instância de decisão do que era reivindicado e necessitava do apoio das massas para sair vitorioso.

En realidad, el país experimentaba una auténtica "revuelta democrática" urbana. La agitación trascendía a casi todos los sectores sociales: los burócratas, los obreros, los pequeños comerciantes, la población marginal de la ciudad, etcétera: no hubo grupo social que escapara al impacto del movimiento. (NIEBLA, 1978: 33)

dictatoriales. Los apologistas del régimen mexicano, nacionales o extranjeros, no se cansaban de repetir estas características excepcionales del vecino sureño de los Estados Unidos. (NIEBLA: 1978, 15-16)

⁸ O Exército e o corpo de granaderos podiam ser livremente utilizados quando o poder presidencial deliberasse a favor de tal ato. Como já foi discutido, um dos grandes problemas do México nos anos 1960 era justamente o poder de livre atuação do presidente. Nesse contexto, as formas armadas nacionais e o corpo policial público eram utilizados constantemente para deter as manifestações dos estudantes.

⁹ NIEBLA, Gilberto Guevara. "Antecedentes y desarrollo del movimiento estudiantil de 1968." *Cuadernos políticos*. México: Ed. Era, n.17, 1978.

Emblemática, a ação estudantil daquele ano sairia derrotada depois do Massacre realizado pelo governo e pela polícia em 02 de outubro de 1968. Entretanto, o caráter democrático das reivindicações colocava em questão o suposto desenvolvimento e progresso pelo qual o México estaria passando naquele momento e assentaria as bases de um porvir no quais as reivindicações democráticas seriam amplamente exigidas e discutidas.

Los estudiantes fueron derrumbando uno a uno los símbolos y mitos del poder: la denuncia del autoritarismo, de la corrupción y de la hipocresía del régimen resonaba en todas las esferas sociales; se criticaba al régimen que se ostentaba “heredero” de la revolución mexicana y a su instrumento político, el Partido Revolucionario Institucional (PRI); se anatematizaban las prácticas populistas y demagógicas y se demostraba la falsedad de las grandes ideas de la ideología dominante: la Unidad Nacional, el Progreso, la Estabilidad, etcétera. (NIEBLA, 1978: 38)

Memória e luta pela democracia:

¿Puede hablarse de sólidas tradiciones democráticas cuando de hecho no hay más que um partido político? ¿Cuando en las cámaras no se admiten candidatos de outro partido o sólo se aceptan algunos para dar la enganosa apariencia de uma oposición? Prof. M. Mayagoitia, Carta a *Le Monde*, 7 de outubro de 1968. (PONIATOWSKA, 1987: 20)

O testemunho anterior está presente na obra de Elena Poniatowska, e descreve claramente, o problema da falta de oposição política no México da década de 1960. A autora em, *La noche de Tlatelolco* descreve o ano de 1968 e o episódio de 02 de outubro de uma forma singular: através dos depoimentos e falas de ex-participantes, trabalhadores, ouvintes, espectadores, crianças e membros do governo. Utiliza também trechos de canções, jornais, poemas e literatura. Os testemunhos, e os demais textos que compõem a obra, traduzem discursos e significações diferentes sobre o massacre e todos os acontecimentos acerca da movimentação estudantil do ano de 1968. Entre os anos de 1968 e 1971, a autora recolheu testemunhos e depoimentos de membros de vários setores da sociedade mexicana: ex-dirigentes do CNH, estudantes das brigadas de luta, opositores ao movimento, pais e mães, operários, depoimentos oficiais, falas de crianças e matérias jornalísticas, revelando a real situação dos jovens e da política mexicana na

época. Entre depoimentos, memórias de prisioneiros e críticas ao movimento, Elena Poniatowska compõe a lembrança da violência, numa tentativa de denunciar o Massacre de 02 de Outubro e resgatar a história da luta estudantil e democrática daquele momento. Tendo em vista que o livro foi publicado apenas três anos após o episódio é importante considerar a ação dos denunciadores, já que naquele momento, muitos participantes ainda estavam presos ou tinham receio de testemunhar e serem repreendidos pelo Estado¹⁰.

Preveíamos los cocolazos, las detenciones masivas, estábamos preparados para la cárcel, bueno, más o menos, pero no previmos la muerte.
Gilberto Guevara Niebla, del CNH.

No quisiéramos vernos en el caso de tomar medidas que no deseamos, pero que tomaremos si es necesario; lo que sea nuestro deber hacer, lo haremos; hasta donde estemos obligados a llegar llegaremos. Gustavo Díaz Ordáz, Presidente de la Republica, Cuarto Informe Presidencial, 1 de Septiembre de 1968.

Segundo Nathaniel Gardner¹¹, a obra de Poniatowska é uma das primeiras iniciativas que abordam significativamente a noite de 02 de outubro e o ano de 1968. Não sem motivo, a obra goza, atualmente, de mais de sessenta reimpressões. Ainda segundo o autor, a relevância da publicação e dos trabalhos de compilação de testemunhos realizados pela autora, se confirmam pelo fato de que logo após 1968 falar e relatar o que havia acontecido era proibido e passível de repressão por parte das forças governamentais. A própria autora, em sua análise “1968 abrió un porvenir”¹², relata que muitos depoentes pediam para que seus nomes não fossem divulgados, daí a necessidade de se alterar tais dados.

A raíz del 2 de octubre consigné las voces de muchachos, muchachas, madres y padres de familia. “Sí, pero cámbieme de nombre”. “Yo le cuento pero no ponga quién soy”. Salvo los líderes presos en la cárcel

¹⁰ Segundo Elena Poniatowska, ao final da edição do livro, foram soltos 28 dos manifestantes presos em 1968. Participaram do livro: Adela Salazar de Castillejos, Ana Ignacia Rodríguez, Roberta Avendaño Martpinez, Eli de Gortari, Félix Lúcio Hernandez Gamundi, Romeo González Medrano y Ceferino Cháves.

¹¹ GARDNER, Nathaniel. “Porque era un tema prohibido...”: Imágenes em La Noche de Tlatelolco de Elena Poniatowska. *Amerika. Frontieres – La mémoire et ses representations em Amerique Latine*. N. 02, 2010.

¹² PONIATOWSKA; Elena. “1968 abrió un porvenir.” *Revista de la Universidad de México*. 1998. Pp 05-17.

preventiva de Lecumberri y algunas madres de familia, guardé los nombres en el fondo del corazón bien guardados a riesgo de no saber hoy, a treinta años, quién es quién. Muchos se negaron a hablar. (PONIAKOWSKA, 1998: 15)

Para inserir a obra de Poniatowska em um momento específico e importante de produção intelectual no México e atribuindo-lhe significativo papel na construção da memória de 1968, destaca-se o trabalho produzido por Eugenia Allier Montaño¹³. Para a autora, a produção historiográfica sobre o tema está dividida em cinco momentos ou em cinco correntes historiográficas principais. O primeiro deles será entre os anos de 1968 e 1977 – no qual se encaixa o trabalho de Poniatowska – e as obras produzidas, bem como as revistas e artigos jornalísticos, terão como demanda principal a denúncia do massacre e da violência. Pretende-se revelar o que realmente aconteceu na noite de 02 de outubro de 1968 e quais foram os antecedentes desse Massacre. O segundo período encontra-se entre 1978-1985 quando a memória encontra seus *motores*, ou seja, no momento em que novas organizações e atores começam a despertar a consciência para que o ano de 1968 seja lembrado. Nessa etapa, ex-participantes do movimento estudantil que tinham se calado diante da repressão do Estado ou que estavam no cárcere, começam a levar a público suas vozes sobre a violência. Outra corrente de produção encontra-se entre 1986 e 1992 e irá revelar a característica democrática da luta estudantil de 1968. É nesse período que os estudos sobre a época começam a defender o sentido democrático do movimento. Como consequência surge uma memória de elogio da luta que apoiou a transição democrática mexicana. O penúltimo período vai dos anos de 1993 a 1999, momento em que os ex-participantes e a sociedade civil clamam pela atribuição das responsabilidades aos culpados e exigem punição a eles.¹⁴ Por último, de 2000 a 2006 – e agora, integrando também o ano de 2008 – é o momento da oficialização das memórias públicas sobre 1968. Exige-se a abertura dos arquivos sobre o passado e é criada a Fiscalização Especial para Movimentos Sociais e Políticos do Passado (FEMOSPP), responsável pela investigação, julgamento e condenação dos

¹³ MONTAÑO; Eugenia Allier. Presentes-pasados del 68 mexicano. Una historización de las memorias públicas del movimiento estudiantil, 1968-2007. *Revista Mexicana de Sociología*, 71, n.02 (abril-junho, 2009).

¹⁴ A autora destaca ainda a criação do Comité Nacional 25 años del 65, que era responsável por revisar testemunhos e documentos e reunir em um único acervo livros, material gráfico e testemunhos relativos ao Movimento estudantil de 1968.

culpados. Nessa última corrente historiográfica estão presentes as obras de ex-participantes do movimento que, após 40 anos, tentam debater e encontrar novos sentidos ao ano de 1968.¹⁵

Sobre a noite de 02 de Outubro em Tlatelolco, vale ressaltar que não houve uma manifestação previamente organizada, e sim uma reunião para comemorar a saída do Exército do *campus* da Universidade Autônoma do México, que se deu no dia 30 de setembro. As cifras variam de acordo com as fontes, mas Poniatowska relata que o número de presentes na Praça das Três Culturas naquele dia era de, aproximadamente, 5 mil pessoas que se reuniram por volta das cinco horas da tarde. Salvador Hernández descreve um movimento com a presença de 15 mil pessoas. Todas elas estavam reunidas para ouvir os discursos do CNH. Dentre os presentes havia mães, pais, crianças, idosos, curiosos, estudantes, trabalhadores, professores e transeuntes. Todos eles foram vítimas. Os principais canais de comunicação não se dispuseram a relatar verdadeiramente o número de mortos daquele dia, mas Octávio Paz informa que o jornal norte-americano *The Guardian* relatou 325 mortes e centenas de feridos. Dentre os presos estavam, segundo Poniatowska, três líderes do Conselho Nacional de Greve: Cabeza de Vaca, da Escola de Agricultura de Chapingo, Félix Lucio Hernandez Gamundi, do Instituto Politécnico e Luíz González de Alba, de Filosofia e Letras da UNAM.

“Junto a la vieja Iglesia de Santiago Tlatelolco, reunió confiada una multitud que media hora más tarde yacería desangrándose frente a las puertas del Convento que jamás se abrieron para albergar a niños, hombres y mujeres aterrados por la lluvia de balas...” (PAZ, 1984: 201)

A partir da leitura dos testemunhos, podemos apreender, portanto, as diversas interpretações do movimento estudantil de 1968. Levantando a bandeira de que era fundamental o estabelecimento de um diálogo público e, sobretudo, direto entre o governo e o CNH, os depoentes encontram na luta pela democracia e na constestação da violencia política e da repressão, a vía em comum das diversas ideologías que

¹⁵ Nessa corrente, estão presentes obras como *Pensar el 68* dos autores Álvaro Garín e Gilberto Guevara Niebla e *El fuego de la esperanza* de Raúl Jardon.

compunham a massa de estudantes e membros de outros organismos sociais envolvidos nas movimentações daquele período.

“Hace cincuenta años que el gobierno monologa con el gobierno.” Roberto Escudero, delegado de la Facultad de Filosofía y Letras ante el CHN. (PONIATOWSKA, 1987: 38)

“El PRI no dialoga, monologa”. Jan Poniatowski Amor, da Preparatoria Maestro Antonio Caso. (PONIATOWSKA, 1987: 90)

“La Plaza de las Tres Culturas era un infierno. A cada rato se oían descargas y las ráfagas de las ametralladoras y de los fusiles de alto poder zumbaban en todas las direcciones.” Miguel Salinas López, estudante da Faculdade de Comercio e Administração da UNAM. (PONIATOWSKA, 1987: 197)

“Tenía yo sangre en la orilla de los zapatos, en la bastilla del vestido.” Eugenia Leal Lima, estudante da Faculdade de Medicina da UNAM. (PONIATOWSKA, 1987: 197)

Segundo a autora Claudia Caisso¹⁶, *La Noche de Tlatelolco* é uma obra na qual estão contidas as diversas vozes emanadas do horror. Num exercício decididamente plural da memória do comum, Poniatowska permite que nos deparemos com testemunhos heterogêneos sobre o mesmo assunto. Para Caisso, a compilação desses relatos se dá pela soma de indivíduos e de textos que não admitem ser reunidos nem totalizados, ou seja, não há espaço para um discurso único e oficializado dos acontecimentos. As várias vozes agrupadas traduzem o estado de confusão, descontentamento e de mobilização generalizados.

En el caso de “La noche de Tlatelolco” la reunión de textos múltiples, no sólo cuida la calidad heterogénea constitutiva de la memoria colectiva, sino también, las marcas irreductibles que advierten acerca de la imposibilidad de suturar con una única versión, o visión, los avatares de lo real, en su ambivalente remisión al espesor y a la asunción de las circunstancias históricas, cuando las contingencias de la Historia imponen a los sujetos devenir protagonistas, momentáneamente ciegos, ante el devenir de los sucesos. (CAISSO, 2004: 21)

¹⁶ CAISSO, Claudia. “Cronica literária y memoria colectiva en “La Noche de Tlatelolco” de Elena Poniatowska”. *Anais do Encontro da Associação de Estudos Latino-Americanos, Las Vegas*, 2004.

Considerações finais:

O movimento estudantil e democrático foi sufocado com tiros, mortes e prisões. Era o fim do poder de reivindicação dos estudantes e, de certa forma, de toda nação mexicana. Entretanto, inicia-se uma nova crise. Segundo Hector Aguilar Camín e Lorenzo Meyer, autores da conhecida obra *À sombra da Revolução Mexicana* que constrói a história mexicana contemporânea tomando como marco inicial a Revolução de 1910, a rebelião de 1968 foi a primeira ruptura revolucionária do México urbano e moderno e o marco de outras manifestações que irão ocorrer após 1970. Para os autores ainda, as causas principais do movimento estudantil de 1968, foram os sucessivos governos *priristas* institucionalizados pela Revolução Mexicana e a falta de democracia do sistema político. Além disso, o Massacre de 1968 e a morte dos estudantes e demais inocentes foram fruto da negação, por parte do governo, em estabelecer um diálogo público com os manifestantes. Os autores Camín e Meyer revelam que, nesse momento, abre-se um parêntese para a desconfiança nos modelos de governo mexicano impostos até então. Deixa-se de celebrar as conquistas e milagres para tomar-se consciência das insuficiências e da violência exacerbada empregada para silenciar o fracasso, a miséria e as desigualdades. O ano de 1968 representou a paralisia de um plano modernizador incongruente e disforme. A crise gerada não foi estrutural, mas política, causada, sobretudo pelo não atendimento de pedidos democratizantes da sociedade. Foi a retomada de valores, por parte da população, que desestabilizou os esquemas governamentais e os estudantes foram os porta-vozes dessa época que traduziu a mudança dos tempos.

“A rebelião de 1968 foi a primeira do México urbano e moderno que o modelo de desenvolvimento escolhido nos anos quarenta quis construir e privilegiou às custas de tudo o mais. Suas correias de transmissão foram as elites juvenis das cidades, os estudantes e os profissionais recém-formados que eram, em si mesmos, uma prova irrefutável de que o México agrário, provinciano, prirista e tradicional ia ficando para trás (...). [A rebelião] Representou o choque de uma sensibilidade política e social imobilista e monolítica – assentada nos moldes vazios da unidade nacional e na veneração aldeã aos símbolos pátrios – com as testemunhas frescas e irreduzíveis de uma realidade desnacionalizada e dependente, em rápida transculturação neocolonial, extraordinariamente sensível às causas e aos

símbolos que lhes eram contemporâneos. A repressão de 1968 e o massacre de Tlatelolco foram as respostas petrificadas do passado a um movimento que recolhia as pulsações do futuro, (...), cujas flutuações principais seriam cada vez mais difíceis de manejar com os velhos expedientes de manipulação e controle.” (CAMÍN e MEYER, 2000: 270-271)

Em *Post Scriptum*, escrito para complementar *O Labirinto da Solidão*, o autor Octávio Paz¹⁷ considera o ano de 1968 como universal por demonstrar a insatisfação de vários grupos em diversos lugares do mundo (Praga, México, Brasil, Paris, Roma...). Segundo Paz o movimento mexicano é reflexo de um progresso com um rosto em branco, sem feições. “*O progresso povoou a história com maravilhas e os monstros da técnica, mas desabitou a vida dos homens. Deu-nos mais coisas, não mais o ser.*” (PAZ, 1984: 202). Mais do que isso, Paz, considera a luta dos estudantes um movimento em prol da democracia, pois sem ela, o desenvolvimento econômico não possuía sentido algum. As olimpíadas, o movimento e a condição do México de pós-revolucionário são fatores que estão intimamente ligados: eram signos do relativo e insuficiente desenvolvimento do país. Ao mesmo tempo em que se reconhecia, internacionalmente, a condição econômica e social do México para sediar um evento como as olimpíadas, internamente, o governo não era capaz de satisfazer as reivindicações simples do grupo de estudantes e da sociedade civil. Pedidos que, segundo Paz, não propunham uma mudança radical, mas uma maior flexibilidade e sensibilidade às mudanças do ânimo popular.

A atitude dos jovens e estudantes dava ao governo a chance de ouvir as principais reivindicações e alterar sua política, sem a necessidade de se desfigurar. Estabelecer a comunicação com o povo através da democracia: esse era o objetivo. Dominado pelos interesses de bancários e financistas e pelo domínio do PRI, o governo não quis tornar realmente pública a vida política. Quando se propôs a alguma alteração, a fez em seus bastidores sem comunicar e consultar os verdadeiros interessados. Problemas como a dependência financeira e ideológica em relação aos Estados Unidos, impotência do Poder Judiciário, atitude acrítica do Senado e da Câmara dos Deputados, controle da liberdade de expressão e prisões políticas, são algumas das consequências

¹⁷ Embaixador do México na Índia em 1968, Octávio Paz pede a renúncia do cargo um ano depois, por considerar-se incapaz de representar um país que massacre seu povo.

causadas por anos de dominação partidária. Segundo Paz, o Presidente, dono dos meios de comunicação e do partido, goza, quase que ilimitadamente, dos fundos federais. Ora, essa é a expressão máxima do desinteresse político em controlar abusos e acabar com as desigualdades provocadas pelo sistema.

Além da obra de Elena Poniatowska, que nos permite analisar o ano de 1968 a partir de diferentes enfoques, no que tange a análise da luta estudantil a partir de uma ideologia democrática, devemos considerar algumas obras que auxiliam no entendimento da luta estudantil daquele período. Ex-participantes do movimento e ex-dirigentes do CNH contribuíram para esse entendimento do episódio e para a significação do contexto específico do ano de 1968, já que uma luta pela democratização do Estado acontecia justamente em um Estado supostamente democrático¹⁸. Livros como *La democracia en la calle: crônica del movimiento estudiantil mexicano*, de Gilberto Guevara Niebla e *México, una democracia utópica: el movimiento estudiantil del 68* de Sergio Zermeño¹⁹, buscando construir uma história do movimento estudantil, analisam o ano de 1968 como marco inicial das mobilizações pela democracia, luta esta que continuará – em momentos específicos e com motivações diferentes – pelas últimas décadas do século XX e início do XXI. As obras compõem-se, portanto, de uma mescla entre análise histórica e política do movimento e testemunho pessoal do fato, já que seus autores foram participantes ativos das lutas em 1968. Para enfatizar a necessidade de entender o México daquela década como um país dirigido por governos autoritários, antidemocráticos e contrários a opinião pública, Niebla declara:

El golpe decisivo contra el movimiento estudiantil de 1968 tuvo lugar en un escenario que había sido parcialmente oscurecido por la provocación gubernamental. Un mitin en Tlatelolco al que asistían estudiantes, empleador, obreros y amas de casa y en el que se encontraba presente una buena parte de los miembros del CNH fue objeto de una emboscada sangrienta en la que participó el ejército, los granaderos y miembros de casi

¹⁸ Diferentemente da situação de alguns países latino-americanos, o México não vivia uma ditadura institucionalizada. Era um Estado constitucionalmente democrático. Entretanto, como vimos, os aparatos de governança herdados do PRI e da Revolução permitiram que se instaurasse um mecanismo sucessório e de monólogo político, no qual as oposições políticas e partidárias não eram bem vindas.

¹⁹ Outra publicação importante de Sergio Zermeño é: ZERMEÑO, Sergio. *Universidad Nacional y democracia*. México: Ed. Miguel Angel Porrúa, 1990.

todas las corporaciones policiacas mexicanas. Esta inmólación, que dejó centenares de víctimas, fue acompañada por una tremenda campaña de prensa dirigida a detractar la imagen de los estudiantes: se hablo de “guerrilleros”, de corrupción entre las filas estudiantis, etc. En otras palabras, la masacre fue cubierta por un infamante nube de calumnias contra el estudiantado. (NIEBLA, 1988: 44)

Difícil foi, portanto, explicar a atitude do governo diante de uma manifestação que pretendia democratizar a política e a sociedade mexicanas. O regime não sofria perigo com o movimento estudantil, tampouco deveria ter medo e insegurança em relação a pedidos tão simples de serem aceitos. Mas o sistema mexicano, segundo Octavio Paz, estava esclerosado, e essa “doença” não era apenas sinal da velhice, mas da incapacidade de mudança.

“O regime mostrou que não podia nem queria fazer um exame de consciência; ora, sem crítica e, sobretudo, sem autocrítica, não há possibilidade de mudança. Essa fraqueza mental e moral conduziu-o à violência física. (...) A matança de Tlatelolco nos revela que um passado que acreditávamos enterrado está vivo e irrompe entre nós. Cada vez que aparece em público, apresenta-se mascarado e armado; não sabemos quem é, exceto que é destruição ou vingança. É um passado que não soubemos ou não pudemos reconhecer, nomear, desmascarar.” (PAZ, 1984: 201)

Bibliografia:

CAISSO, Claudia. “Cronica literária y memoria colectiva en “La Noche de Tlatelolco” de Elena Poniatowska”. *Anais do Encontro da Associação de Estudos Latino-Americanos, Las Vegas*, 2004. (Versão digital disponível em: http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2004/files/CaissoClaudia_xCD.pdf)

CAMÍN, Hector Aguilar e MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana*. São Paulo: Edusp, 2000.

CARLÓN, José Carreno e RUBIO, Javier Gonzalez. *México, 30 años en movimiento: una cronología*. México: Universidad Iberoamericana, 1998.

DÍAZ, Silvia. *Diálogos sobre el 68*. Institutos de Investigaciones Bibliográficas de la UNAM, México, 1999.

GARDNER, Nathaniel. “Porque era un tema prohibido...”: Imágenes em La Noche de Tlatelolco de Elena Poniatowska. *Amerika. Frontieres – La mémoire et ses representations em Amerique Latine*. N. 02, 2010.

GARÍN, Raúl Alvarez. *La estela de Tlatelolco: una reconstrucción historica del movimiento estudiantil de 68*. México: Itaca, 1998.

- _____ e NIEBLA, Gilberto Guevara. *Pensar el 68*. México: Cal y Arena, 2008
- HERNÁNDEZ, Salvador. *El PRI y el movimiento estudiantil de 1968*. México: El Caballito, 1971.
- MUSKULIN, Silvia. Cezar. *As repercussões do movimento estudiantil de 1968 no México*. Anais eletrônicos do VII Encontro Internacional da ANPHLAC
- MONTAÑO; Eugenia Allier. Las voces del pasado. *Revista Fractal*. Versão digital disponível em: <http://www.fractal.com.mx/F44Allier.htm> (verificado em 09/09/2010)
- _____.Presentes-pasados del 68 mexicano. Una historización de las memorias públicas del movimiento estudiantil, 1968-2007. *Revista Mexicana de Sociología*, 71, n.02 (abril-junho, 2009).
- NIEBLA, Gilberto Guevara.*1968 largo camino a la democracia*. México: Cal y Arena, 2008.
- _____.“Antecedentes y desarrollo del movimiento de 1968.”. In: *Cuadernos políticos*, número 17, México: Ed. Era, julio-diciembre de 1978.
- _____. *La democracia en la calle: crónica del movimiento estudiantil mexicano*. México:Siglo XXI, 1988
- PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post scriptum*. Trad. Eliane Zagury, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, 3 ed.
- PONIATOWSKA, Elena. *La noche de Tlatelolco: testimonios de historia oral*. México: Ed. Era, 1985. 45 ed.
- _____. “1968 abrió un porvenir.” *Revista de la Universidad de México*. N.56, Outubro de 2008. Versão digital disponível em: <http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/5608/poniatowska/56poniatowska05.html> (verificado em 09/09/10)
- RAMÍREZ, Ramón. *El movimiento estudiantil de México: julio-diciembre de 1968*. México: Ed. Era, 1969. Tomo I e II
- REVUELTAS, José. *México 68: juventud y revolución*. México: Ed, 1978.
- SOLANA, Fernando e COMESAÑA, Mariángeles (org.). *Evocación del 68*. México: Siglo XXI, 2008,p.130.
- TORRES, Beatriz Garcia. “Red de voces: un análisis de La noche de Tlatelolco, de Elena Poniatowska. *Ibero America Global*. Vol.02, N.02, julho de 2009.
- ZEA, Leopoldo, "1968 en la memoria", *Revista de la Universidad de México*, UNAM, México, diciembre de 1978-enero de 1979.
- ZERMEÑO, SERGIO. *México, una democracia utópica: el movimiento estudiantil del 68*. México: Siglo XXI Editores, 1978.